Educação e Vivências Performativas Fora de Portas ou a Busca por uma Visão

Ecológica

Isabel Bezelga CHAIA/Universidade de Évora

No âmbito da perspectiva da educação para a sustentabilidade (EfS) (Moore & Welan, 2016) encaram-se as práticas artísticas educacionais, nomeadamente as que mobilizam o “corpo que pensa”, como possibilidades ímpares na promoção duma visão ecológica em que âmbitos culturais, sociais e ambientais contribuem para a consideração da ne- cessária relação entre cultura e natureza. Na antiquíssima relação entre o homem e o meio ambiente cabe todo um extenso leque de saberes e práticas tradicionais, inclusive de fruição, ocupação e cuidado da Natureza, enquadrados na ideia de Paisagens Cultu- rais.1

Trata-se em primeira instância de proporcionar modos performativos de aproximar, co- nhecer e relacionar (Bezelga, 2018), potenciando o desenvolvimento de práticas signififi- cativas, nos territórios de que as escolas fazem parte, tornando-os locus de experiências imersivas sensíveis e de afectação.2 A consciência ambiental, o respeito e o “cuidado” com/do mundo natural desenvolve-se numa vivência próxima e de intimidade, de valori- zação dos eco sistemas, na experiência intensa da nossa condição de interdependência. E esta conexão é fundamental que seja reabilitada. É necessário que crianças e jovens saibam das cores, dos voos e dos cantos dos pássaros, que na imobilidade profunda consigam ouvir junto ao chão os sons da terra, as velocidades das águas e o seu gene- roso sabor a escorrer pela garganta numa tarde de verão, o apaziguamento das ervas

a roçar o corpo cansado da corrida. Tudo isto não vem nos livros e fifilmes! Assim como não podemos amar a liberdade se nunca nos sentimos livres, como podemos cuidar o rouxinol, a cigarra, o pardal, o melro ou o cuco?
A capacidade de antever, olhando para os materiais que a natureza providencia (ramos, pinhas, seixos) ou para o que não tem já uso e se amontoa nas franjas da cidade, e des- cobrir-lhe os jeitos e as formas que lhe permitem devir outra “coisa”, fruto da imagina- ção e criatividade artística, como se de respigador atento se tratasse, vai mais além das tradicionais acções de sensibilização em torno dos 3R, muito difundidas em meio esco-

1 O conceito de Patrimônio Cultural foi muito ampliado, integrando além dos diversos aspectos culturais imateriais a relação com a natureza (Moore & Welan, 2016).
2 O conceito de afectar e deixar afectar-se é desenvolvido a partir da teoria relacional (Pais, 2017).



- 31 -

lar. Se bem que estas sejam de incontornável valia na consciência das jovens gerações e combate ao desperdício de um modo de vida de consumo imediato e fugaz que afecta a sobrevivência global, interessa-nos sobretudo o que se despoleta como capacidade de invenção e fificcionalização, integrando, recriando e transformando matérias em desejos de realização – obras sonhadas.

A realização de projectos colaborativos concebidos como processos de co-criação, envolvendo crianças e jovens estudantes, educadores e professores, famílias e comuni- dades são a melhor resposta à desagregação imposta pelas dinâmicas contemporâneas de sectorização e isolamento. No contexto de alguns trabalhos que têm vindo a ser pro- movidos no concelho de Évora, as acções de educação artística interdisciplinares com crianças do 1o ciclo e pré-escolar têm tido particular foco na pertença ao “lugar” através do reconhecimento, valorização, protecção e transformação nos actos de “habitar” o património cultural e natural.

Assim, no quadro quer das práticas desenvolvidas pelas escolas e jardins de infância (algumas delas Eco-escolas), quer no desenvolvimento de projectos com crianças em contextos informais no âmbito da formação de educadores e professores da UÉvora, podemos detectar uma constante: A urgência de alargamento dos campos de experi- ências e de aprendizagem para fora das escolas. Esta urgência em dar o salto fora de portas (da casa, da escola...) e a busca por “outras práticas” menos didatizantes e mais experienciais, imersivas, acolhendo o inesperado e o desafifio, é tanto mais relevante quanto pesquisas recentes nos dão a ver crianças cada vez mais sedentarizadas, com reduzida actividade ao ar livre, com o seu tempo para brincar comprometido e menos oportunidades para o encontro e descoberta do mundo. Particularmente, nestes tempos em que confifinamentos sucessivos as fifizeram viver de forma contundente “outras” prá- ticas relacionais e afectivas, empobrecendo ainda mais toda a sorte de explorações da vida ao vivo.

Na educação artística, e particularmente no desenvolvimento das linguagens dramáticas e do movimento, o acesso à experiência corpórea de ver e ler o mundo é fundamen-

- 32 -

tal para alimentar a imaginação pondo em acção todos os possíveis E se...? Ao induzir pesquisas criativas, baseadas na produção de cartografifias afectivas, em que se acolhe a diversidade de elementos e fenómenos naturais, paisagens, acontecimentos sociais, práticas culturais e formas de viver de pessoas de perto e de longe, de espécies animais e seres que connosco coabitam a terra, podemos ampliar horizontes ao mesmo tempo que se reforça sentido de pertença. O exercício de consciência de si no mundo promove o desenvolvimento sensível de empatia face ao(s) outro(s) e ao que nos rodeia.

Para tal é necessário abrir novos canais de diálogo, começando por valorizar e aprender a escutar crianças e jovens, as suas sugestões, opiniões e antevisões, pois a sua capa- cidade de imaginar, de se desafifiar e arriscar caminhos, jogando e participando de inven- ções colectivas é o que de melhor sabem fazer. Às perguntas: Como? Onde? Quando? Com o quê? Mais do que oferecer respostas é sinal de que confifiamos nas suas compe- tências. Não podemos nós, artistas, educadores e professores desperdiçar essa pulsão de criação e (re)construção.

A capacidade de afifirmação potente de um ser social e cultural reverbera na imaginação de mundos possíveis. As linguagens performativas utilizadas em jogos de improvisação guiada e exercícios dramáticos, através do infifindável caudal de sensações, emoções e estratégias comunicacionais que provocam, permitem a activação de memórias e pos- sibilidades imaginadas que transcrevem para os corpos as histórias que damos a ver e queremos partilhar com os outros/outras.

- 33 -

Referências

Bezelga, I. (2018). “Brincar, Fruir, Experimentar! A presença das Artes na formação de professores e educadores de infância da Universidade de Évora”. Poiésis, 12( 21), 167-184.

Guattari, F. & Rolnik, S. (2013). "Micropolítica: Cartografifias do desejo". Petropolis: Vozes.

Huggins, V.& Evans, D. (eds.)(2017). "Early Childhood Care and Education for Sustainability: International perspectives". London: Routledge.

Moore, N. & Welan, Y. (eds) (2016). "Heritage, memory and Politics of Identity:
New perspectives on the cultural Landscape". London and New York: Routledge.

Pais, A. (org) (2017). "Performance na esfera pública". Lisboa: Orfeu Negro.

- 34 -